

# **A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI**

## **RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECT AND OBJECT IN THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE: CONTRIBUTIONS FROM THE THOUGHT OF ANTONIO GRAMSCI**

Simone de Fátima Flach<sup>1</sup>  
Karen Cristina Jensen Ruppel da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente texto objetiva discutir como a produção do conhecimento é abordada nos escritos de Antonio Gramsci e como seu pensamento contribui para o entendimento acerca da função do conhecimento para os subalternos, afastando-os da indiferença e contribuindo na produção e desenvolvimento de potencialidades que os fortaleçam para a luta pela hegemonia. Ancorado em pesquisa bibliográfica, apresenta como a questão do conhecimento foi abordada ao longo da história humana e aponta como estes colaboram para a análise, entendimento e transformação da realidade material. Em seguida trata da problemática epistemológica e enfatiza a relação dialética entre sujeito e objeto, que a descoberta da verdade ocorre pela materialidade concreta por meio da atividade teórico-prática, e, ainda, que o conhecimento exerce função social ao ser produzido a partir da realidade, modificando-a. Por fim, apresenta argumentos em defesa da produção de conhecimento comprometida com a formação de consciência coletiva e com a transformação radical da atual forma de sociabilidade.

*Palavras-chave:* Conhecimento. Relação entre sujeito e objeto. Antonio Gramsci.

### **ABSTRACT**

This paper discusses how the production of knowledge is approached in the writings of Antonio Gramsci and how his thinking contributes to the understanding of the function of knowledge for subordinates, removing

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9445-0111> E-mail: [eflach@uol.com.br](mailto:eflach@uol.com.br)

<sup>2</sup> Docente da Faculdade Educacional de Arapoti, PR, Brasil. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: [jkarencristina@hotmail.com](mailto:jkarencristina@hotmail.com)

them from indifference and contributing in the production and development of potentialities that strengthen them for struggle for hegemony. Based on a bibliographical research, it presents how the question of knowledge was approached throughout human history and points out how these collaborate for the analysis, understanding and transformation of material reality. Then it deals with the epistemological problematic emphasizing the dialectic relation between subject and object, that the discovery of the truth occurs by the concrete materiality through the theoretical- practice, and yet, that knowledge exerts a social function to be produced from reality, by modifying it. Finally, it presents arguments in defense of the production of knowledge committed to the formation of collective consciousness and to the radical transformation of the present form of sociability.

**Keywords:** Knowledge. Relationship between subject and object. Antonio Gramsci.

## INTRODUÇÃO

O homem conhece objetivamente na medida em que o conhecimento é real para todo o gênero humano *historicamente* unificado em um sistema cultural unitário; mas este processo de unificação histórica ocorre com o desaparecimento das contradições internas que dilaceram a sociedade humana [...]. (GRAMSCI, 2004a, p. 134)

A epígrafe que inicia o presente texto tem por fundamento a discussão a respeito da importância do conhecimento para o conjunto da humanidade e não apenas como privilégio de determinados grupos. Nessa perspectiva, o conhecimento colabora para o avanço da humanidade e para a transformação da realidade e se constitui como síntese do processo dialético entre sujeito que conhece e objeto do conhecimento.

No entanto, o ato de conhecer foi (e é) questionado ao longo da história humana, sendo objeto de preocupação de diversos filósofos. Na Antiguidade essa problemática foi central no diálogo *Teeteto*, de Platão e também esteve presente na filosofia de Aristóteles. Na Idade Média foi temática abordada por pensadores como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Já na Modernidade, tendo em vista o desenvolvimento da ciência propriamente dita, essas preocupações foram ainda mais recorrentes, e podem ser encontradas nas obras de autores como Bacon, Hobbes, Locke, Descarte, Kant e muitos outros.

As teorias elaboradas por esses filósofos acerca do conhecimento não são neutras, mas sim históricas, permeadas por crenças, valores, interesses e vivências, uma vez que, questões de cunho econômico, político e social, condicionantes destas produções, implicam em diferentes perspectivas epistemológicas.

A busca pelo conhecimento e a discussão acerca de sua aquisição é um processo vinculado aos determinantes de cada momento histórico e pode ser analisado sob a luz de diferentes perspectivas. Para o presente texto apresentamos, com base em Tonet (2013), os paradigmas greco-medieval, moderno e marxiano para a produção do conhecimento, enquanto momentos dessa produção, os quais não têm apenas conotação cronológica, mas, também, significam condição, modo de ser de determinado paradigma<sup>3</sup>. A partir dessa discussão apresentamos a problemática epistemológica do conhecimento sob a luz do pensamento do pensador sardo, Antonio Gramsci. Ao final, consideramos que a produção do conhecimento, comprometida com a transformação da realidade, precisa ultrapassar o âmbito econômico-corporativo e se constituir realidade para toda a humanidade.

## **1 OS PADRÕES GRECO-MEDIEVAL, MODERNO E MARXIANO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Para a discussão a respeito da produção do conhecimento, nos ancoramos na perspectiva adotada por Tonet (2013), que apresenta três padrões: greco-medieval, moderno e marxiano.

O primeiro momento, denominado por Tonet (2013) de padrão greco-medieval, corresponde à periodização histórica das Idades Antiga e Média. Tais períodos são apresentados na mesma categoria pelas semelhanças na forma como a humanidade produziu sua subsistência.

Por meio do trabalho escravo e posteriormente do trabalho servil, a transformação da natureza não necessitava de um conhecimento mais elaborado, uma vez que este era proporcionado pela prática do processo de trabalho sendo suficiente para a

---

<sup>3</sup> Tonet (2013, p. 65) alerta que para “evitar mal-entendidos, é bom esclarecer que a palavra ‘momento’ não tem uma significação exclusivamente cronológica. Especialmente no caso da relação entre o padrão moderno e o padrão marxiano ela tem, além de um sentido cronológico, também o significado de ‘forma’, de ‘instauração’”.

satisfação das necessidades materiais<sup>4</sup>. Em tais períodos históricos, o conhecimento acumulado pela humanidade era bastante limitado, fato que contribuía para um ínfimo desenvolvimento das forças produtivas e conferia àquelas formas de sociabilidade um caráter estático, quase que imutável (TONET, 2013).

Naquela conjuntura em que as transformações se mostravam limitadas, as desigualdades sociais e a separação entre trabalho manual e intelectual eram tidas como naturais. Naquela organização social, o ser humano tinha um papel passivo, de adaptação ao mundo exterior.

Os grandes filósofos deste padrão, como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, buscavam justificativas à estabilidade e à ordem social por meio de fundamentos sólidos, que revelassem a verdade contida no ser. Portanto, naquele modelo de produção de conhecimento o sujeito não era o construtor da verdade, nem a interpretava ao seu bel prazer, mas buscava conhecer a essência das coisas, de forma contemplativa, voltada para a ética da vida política ou para questões transcendentais (TONET, 2013).

Nesse paradigma a verdade se encontra no objeto e não no sujeito, sendo assim, trata-se de uma perspectiva de caráter ontológico. Conhecer é adequar o intelecto ao ser, é “apreender a essência das coisas”, assim sendo, o método que conduz ao conhecimento é aquele que guia a razão, por meio da lógica, superando os entraves da aparência e desvelando a essência do ser, sendo o objeto o polo regente do conhecimento (TONET, 2013, p. 27).

Em oposição ao padrão greco-medieval, no padrão moderno de produção do conhecimento o polo regente encontrava-se no sujeito. Dessa forma, é o sujeito quem “colhe os dados, classifica, ordena, organiza, estabelece a relação entre eles e, desse modo, diz o que o objeto é” (TONET, 2013, p.13). O critério de verdade é julgado pelo exercício da razão, da experimentação e da verificação empírica mediante à observação de um fenômeno. Prevalendo o fenômeno, em lugar da essência, o caráter gnosiológico é predominante nesse paradigma.

A tônica do caráter gnosiológico em relação ao caráter ontológico, ou seja, do sujeito em detrimento ao objeto está

---

4 Importa ressaltar que “havia alguns setores – construção, agricultura, metalurgia, navegação - que requeriam um conhecimento mais sistematizado. Porém, no conjunto do processo de trabalho, eles eram muito minoritários” (TONET, 2013, p. 24).

intimamente ligada à forma como os homens produziram sua existência na transição entre feudalismo e capitalismo.

Ao servo medieval, diferente do escravo, interessava o crescimento daquilo que era produzido nos feudos, já que dessa forma poderia apropriar-se de uma parte maior da produção. Para que ocorresse o aumento da produtividade era necessário desenvolver melhorias no trabalho servil. Tais melhorias no processo de trabalho geraram um excedente da produção que estimulou o comércio e a acumulação de capital. A produção de excedente e acumulação de capital foram molas propulsoras para que uma série de outras determinações materiais desencadeassem a necessidade de uma reorganização dos meios de produção e também do pensamento e do conhecimento científico (PONCE, 1957; MARCONDES, 1998; TONET, 2013).

De acordo com Marcondes (1998), três movimentos de transição foram extremamente relevantes para o estabelecimento do pensamento moderno e do conhecimento científico nessa perspectiva: Renascimento, Reforma Protestante e Revolução Científica. A transição se caracteriza no Renascimento em razão da retomada dos ideais da Antiguidade clássica, os quais, por meio do humanismo, elevaram a individualidade e liberdade dos seres humanos. Na Reforma Protestante, a transição se deu na interpretação do texto bíblico, antes exclusividade da igreja, e na ênfase nas experiências individuais de fé. O endosso do modelo heliocêntrico, a valorização das ciências naturais, a observação e o desenvolvimento do método experimental podem ser apontados como elementos determinantes para a transição ocorrida na Revolução Científica, pois conferiram à ciência um caráter ativo em oposição à contemplação antiga e medieval.

René Descartes, Francis Bacon, Immanuel Kant e Georg W. F. Hegel, entre outros, mesmo com diferenças teóricas significativas são representantes deste padrão, visto considerarem que o sujeito do conhecimento é o indivíduo singular, o qual constrói, teoricamente, o objeto. Ademais, o conhecimento deixa de ser contemplativo, transcendental ou voltado para a ética, seja política ou religiosa, pois, nesse paradigma o conhecimento está a serviço da sociedade e tem caráter utilitário. Em geral, os pensadores desse modelo utilizam-se de métodos, os quais, comumente, são compostos por etapas como: a) elaboração de hipóteses; b) coleta de dados empíricos;

c) organização, classificação e análise dos dados coletados; d) elaboração de uma teoria explicativa (TONET, 2013).

Nesse paradigma, a forma de conhecer tem caráter gnosiológico, visto que o acesso à realidade em si mesma é impossível, pois a verdade é aquela que se apresenta ao indivíduo por meio do fenômeno.

Tendo em vista a importância histórica e científica dos dois padrões de produção de conhecimento apresentados, a partir da análise da produção de Karl Marx, Tonet (2013) aponta para a superação destes pelo padrão por ele denominado de marxiano. O padrão marxiano direciona para a ruptura com os dois modelos anteriormente citados. A relação dialética entre a produção da existência e do conhecimento em determinado momento histórico é apontado Marx em diversas passagens de sua obra, dentre as quais destacamos:

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, mudando ao transformá-lo, alterando a sua maneira de ganhar a sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais. O moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano: o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial. [...] Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com sua produtividade material produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto às relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios (MARX, 2009, p. 125-126).

Ao alertar que não há realidade imutável, Marx assinala para o potencial transformador (e revolucionário) dos seres humanos, indicando que, a partir do conhecimento da realidade (e de suas múltiplas determinações) é possível transformá-la. Nesse sentido, a ideia é expressão da realidade e, ao mesmo tempo, resultado do processo do conhecimento dela.

Assim, no paradigma marxiano, não é o sujeito que percebe o real a partir de suas expressões fenomênicas e o constrói

teoricamente, visto que para este padrão o real está posto, independente do pesquisador, assim, é papel do sujeito que busca conhecer superar o fenômeno, desvelando a essência do objeto, traduzindo<sup>5</sup> teoricamente a realidade. Para Paulo Netto (2011, p. 20-21), sob esta ótica, conhecimento é “o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador”. Da mesma forma, Tonet (2013, p. 14) afirma que “não cabe ao sujeito criar – teoricamente - o objeto, mas traduzir, sob forma de conceitos, a realidade do próprio objeto”.

Ainda, segundo Tonet (2013), Marx não se preocupou em tratar da problemática do conhecimento em si mesma, mas sim em desvelar os fundamentos e o desenvolvimento da sociedade capitalista a partir do materialismo histórico e dialético, método este que desenvolveu no próprio processo de apreensão do real. Sendo assim, o polo regente deste paradigma está no objeto, na dinâmica da sociedade e não no sujeito e em como ele a percebe.

Ao analisar a estrutura e a dinâmica da sociedade capitalista Marx descobre que o ato fundante de toda forma de sociabilidade é o trabalho, sendo este entendido como o intercâmbio orgânico com a natureza necessário para a reprodução da vida. Na ausência deste intercâmbio torna-se impossível a existência humana, tanto como ser biológico - pois é da natureza que os seres humanos obtêm sua subsistência, quanto ser social - já que intervindo no meio natural o ser humano não modifica somente a si mesmo, mas também modifica a sociedade, pois tanto o processo quanto o produto do trabalho pertencem ao gênero humano. Nesse sentido, Marx, ao problematizar a sociedade capitalista produz conhecimento, e esse conhecimento está alicerçado na gênese do objeto e não em sua aparência ou expressão fenomênica. (LESSA, TONET, 2011; TONET, 2013).

Neste paradigma “conhecer não é simplesmente contemplar. Conhecer não é refletir a imediatez do objeto. Conhecer é um momento do processo de transformação da realidade [...] é uma mediação para a intervenção na realidade” (TONET, 2013, p. 102). Nesse sentido, o conhecimento é uma mediação para a transformação radical da sociedade.

5 Tonet (2013) alerta para a diferença entre construir teoricamente o objeto e o traduzir teoricamente, evidenciando que construir teoricamente trata de como o sujeito percebe o objeto, em geral por meio de suas expressões fenomênicas. Já traduzir teoricamente o objeto trata de transpor o real para a mente do pesquisador apreendendo suas determinações mais gerais.

Em que pese à importância da produção de Marx e Engels para esse padrão de produção do conhecimento, outros autores podem ser considerados como representantes também desse padrão, visto que suas discussões foram alicerçadas na teoria marxiana. Para o presente texto procuramos localizar no pensamento de Antonio Gramsci como o paradigma teórico-epistemológico se faz presente em suas reflexões a respeito da relação sujeito-objeto.

## **2 A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI**

Antonio Gramsci (1891 – 1937) viveu em momento conturbado da conjuntura política européia e se tornou reconhecido pensador acerca da ciência política, produzindo inúmeros textos que enfocam questões econômicas, políticas, sociais e educacionais da época, nos quais analisa as contradições existentes na teoria e na prática dessas questões. Nesse sentido, Gramsci foi sujeito ativo dos fatos em curso naquele período e sofreu, como ninguém, as consequências de seus atos, sendo enclausurado em 1926 por imposição do regime fascista italiano em razão de sua inserção no debate e ação comunista em curso, permanecendo na prisão até sua morte em 1937.

A produção gramsciana, tanto anterior quanto durante o cárcere, é vasta, fragmentada e muitas vezes de difícil compreensão, principalmente para os iniciantes em seu pensamento. Além disso, como qualquer outra produção, precisa ser datada, pois expressa profunda análise acerca de fatos, relações e ações políticas da época. Para além do período histórico em que foi produzido, seu pensamento tem colaborado para análises políticas, sociais, econômicas e educacionais posteriores, demonstrando que seu pensamento permanece vivo na atualidade.

Sobre a questão do conhecimento na teoria gramsciana é importante destacar a inseparabilidade entre o sujeito e o objeto, visto que esses polos estão em constante relação dialética. Tal posicionamento expressa a inter-relação do pensamento gramsciano com a produção marxiana.

Segundo Martins (2008, p. 233) a dialética é “a posição ontológica e epistemológica gramsciana”, pois a relação entre sujeito e objeto são fundantes e determinantes no processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, fundamentado na teoria marxiana,



Gramsci (2004 a, p. 175) expressa que “[...] para a filosofia da práxis o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se numa das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido”.

Para Semeraro (2001, p.95) Gramsci propõe o “horizonte de uma nova epistemologia”, uma superação da dualidade entre sujeito e objeto. Esse autor sustenta que na perspectiva gramsciana, a objetividade não está descolada de uma visão de mundo, pois “toda objetividade implica sempre uma subjetividade [...] todo ponto de partida vem sempre acompanhado de um ponto de vista” (SEMERARO, 2001, p. 100). Nesse sentido, o ponto de partida é certamente a realidade concreta não isenta de tensões, e estas ocorrem no processo de luta pela hegemonia. Destarte, é no movimento dialético entre elementos objetivos e subjetivos que se pode desvelar o real. Semeraro afirma que em Gramsci,

[...] o movimento histórico e, portanto, o conhecimento ocorre quando se realiza a síntese dialética entre a realidade objetiva do ambiente e a atividade subjetiva dos homens organizados livremente, entre condições materiais e intervenção humana, entre estrutura econômica e iniciativa política (SEMERARO, 2001, p. 103).

A partir dessa interpretação afirmamos que há uma relação orgânica entre sujeito e objeto do conhecimento, visto que, além de serem inseparáveis, esses polos se expressam a partir e na realidade concreta. A esse respeito Martins (2008) esclarece que para Gramsci a realidade existe em relação histórica com a ação humana.

É nesta esteira de pensamento, que ao conceituar matéria, Gramsci rejeita considerá-la em si mesma, apresentando a relevância do fator social ao defender matéria como aquilo que é produtivo, enquanto elemento econômico e histórico, dependente das ações humanas para produção dos meios de subsistência (MARTINS, 2008). Sendo assim, quem confere sentido à matéria é o homem, uma vez que para ele, buscar a realidade fora dos homens é uma empreitada metafísica, que se distancia a passos largos do materialismo histórico.

Assim, para Gramsci existe uma relação dialética entre ciência e vida, uma vez que o pensamento faz parte da realidade e se origina da organização sociopolítica em que as pessoas estão inseridas -

organização esta que se assenta em uma base estrutural, na qual os homens produzem sua existência. Sob esta lógica, agir e conhecer são elementos inseparáveis, visto que todos os homens são intelectuais<sup>6</sup>, uma vez que qualquer atividade manual exige, em alguma medida, atividade intelectual, sendo esta determinada pelas relações sociais e históricas (GRAMSCI, 2006; SEMERARO, 2001). A esse respeito Gramsci enfatiza que,

Na verdade, o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (sem falar no fato de que não existe trabalho puramente físico, e de que mesmo a expressão de Taylor, do "gorila amestrado", é uma metáfora para indicar um limite numa certa direção: em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora). E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a posição do empresário na indústria (GRAMSCI, 2006, p. 18).

Ao enfatizar a ação dos intelectuais, Gramsci dá importância significativa à subjetividade, sendo esta resultada das relações sociais em determinado momento histórico. Nesse sentido, o pensador sardo não separa os determinantes sociais, políticos, econômicos e culturais de determinado momento histórico. Ao abordar sobre a subjetividade do e no processo de conhecimento no pensamento gramsciano, Martins (2008, p. 265) adverte que não se trata de uma epistemologia subjetivista, mas sim de "uma relação dialética [...] que pode resultar em uma transformação da totalidade do real, que é uma síntese de múltiplas determinações objetivas e subjetivas",

---

6 Segundo Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas nem todos exercem a função de intelectuais na sociedade. Gramsci também distingue os intelectuais como categoria orgânica e como categoria tradicional, tratando sobre a questão em vários fragmentos distribuídos em vários cadernos escritos no cárcere. Para leitores iniciantes dos escritos gramscianos, sugerimos a leitura do Caderno 12 – Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais, publicado em Gramsci (2006).

dado que para o autor em análise, a subjetividade não é especulativa, mas histórica.

No que se refere à relação dialética dos determinantes que compõem o processo de conhecimento, Gramsci teceu profundas reflexões sobre os fundamentos e ações políticas pautadas no materialismo histórico e dialético, expondo a relação de aspectos culturais, históricos, políticos e econômicos e sua interferência na organização social. Nesse sentido, Martins (2008, p. 245) defende que Gramsci não só fez uso do materialismo histórico e dialético em sua produção teórica e militância política, como também humanizou seus fundamentos e tornou “mais concreta e histórica a sua dialética”.

Ainda de acordo com Martins (2008), na busca de superar o determinismo economicista de intérpretes da teoria marxiana (os quais entendiam o socialismo como um processo inevitável de evolução social), Gramsci aprofundou sua historicidade esclarecendo que as relações sociais são pautadas pela correlação de forças de grupos antagonicos e têm na práxis o elemento transformador determinante. Para Gramsci (2004a, p. 88), o materialismo histórico (e dialético) precisa ser compreendido corretamente, ou seja,

[...] como aquela dialética real, que compreende a história superando-a com a ação, e que não separa história e filosofia, mas — colocando os homens sobre seus pés — faz destes os artífices conscientes da história, e não os joguetes da fatalidade, na medida em que os seus princípios, isto é, os seus ideais, centelhas que brotam das lutas sociais, são precisamente estímulos à práxis que, mediante a sua ação, se subverte.

Avançando no ideário do pensador sardo é possível inferir que há ênfase na relação dialética entre estrutura e superestrutura, de forma a fortalecer um processo de relações íntimas, articuladas e recíprocas que dão corpo ao que denomina de bloco histórico<sup>7</sup>, visto considerar inseparabilidade de tais elementos. Nessa perspectiva, “Para a filosofia da práxis, o ser não pode ser separado do pensar, o

7 Gramsci (2004a, p. 238) esclarece em análise sobre as ideologias, que estas conduzem “ao fortalecimento da concepção de “bloco histórico”, no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais”.

homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz essa separação, cai-se em uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido". (GRAMSCI, 2004a, p. 175).

Assim, conhecer significa desvelar o real a partir da relação dialética entre sujeito e objeto. Mas o conhecimento sob esta perspectiva não é meramente contemplativo, não se justifica em si mesmo, nem tem um caráter imediatista e utilitarista. Vinculado ao pensamento marxiano, Gramsci entende a função do conhecimento vinculada a potencialidade de ações transformadoras, ou seja, o conhecimento como potencialmente revolucionário. Nesse sentido, o pensamento gramsciano contribui para a percepção da correlação orgânica entre epistemologia, ontologia e axiologia no processo de produção e socialização do conhecimento.

Segundo Martins (2008, p. 207), Gramsci tinha por intenção "compreender a dinâmica a partir da qual as crenças se formam, as concepções de mundo se estabelecem como senso comum objetivo entre as diferentes classes e grupos sociais". A compreensão de tal dinâmica oferece aos subalternos<sup>8</sup> à possibilidade real de forjar uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, transformar radicalmente a vida.

Para além do conhecimento elitista e meramente heurístico, Gramsci indica que o conhecimento acumulado e oficialmente disseminado não é neutro, mas sim sistematizado para atender as demandas de um projeto político específico da classe social dominante, visto que esta detém o poder de domínio e de direção da sociedade. Assim sendo, para a perspectiva revolucionária, é primordial que a classe trabalhadora se distancie criticamente desse saber, aparentemente natural e inquestionável, e desenvolva conhecimentos que possibilitem o rompimento com os interesses dominantes. É nesse sentido que ganha forma e sentido o conhecimento apreendido e desenvolvido na ação política. (SEMERARO, 2001).

Para Gramsci, a ideologia dominante se sedimenta enquanto senso comum, camuflando os conflitos sociais e disseminando a ideia de convivência social harmônica. A superação desse senso comum é necessária para o rompimento com a manutenção dessa forma de sociabilidade. Destarte, a produção e socialização de conhecimento

<sup>8</sup> Gramsci utiliza o termo "subalterno" para designar diferentes extratos sociais, para além da designação de classe trabalhadora ou operária. Na tentativa de esclarecer a questão apontamos para os grupos sociais que são "incapazes de dar uma expressão centralizada às suas aspirações e necessidades". (GRAMSCI, 2004b, p. 423).

na contramão da ideologia dominante, promove o desvelamento do real, mostra a origem e a reprodução das desigualdades sociais e otimiza a luta da classe trabalhadora no processo de disputa por hegemonia.

Assim sendo, tanto as questões axiológicas quanto as epistemológicas só têm significado se tiverem perspectivas revolucionárias, não sendo possível admitir a neutralidade do conhecimento. O conhecimento não pode estar distante das práticas sociais, já que matéria e natureza sem o ser humano são elementos incognoscíveis e sem sentido valorativo.

Em Gramsci o processo revolucionário depende de um conjunto de elementos muito bem articulado, organizado, motivado, preparado. Tais elementos são estreitamente vinculados à produção e socialização do conhecimento enquanto possibilidade e formação de uma força social que opere para transformação da realidade.

Para Gramsci, a reforma intelectual e moral que surge com a modernidade encontra seu ponto mais alto na filosofia da práxis, a atividade teórico-prática que proporciona a todos a possibilidade de compreender e decidir a respeito do mundo em que se vive (SEMERARO, 2001, p. 96.).

Se o conhecimento para Gramsci tem por função a superação da ideologia dominante e a construção de uma consciência de classe com vistas à articulação de uma revolução social, nesse processo os intelectuais têm papel de extrema relevância.

Ao considerar que todos os seres humanos são intelectuais e que, no limite da organização social capitalista, nem todos exercem a função de intelectual, Gramsci revela que é a função social exercida por esses sujeitos que mantém ou transforma os encaminhamentos dados à sociedade. Aqui reside um dos focos da luta necessária pela hegemonia. Para Gramsci todo grupo social cria organicamente uma ou mais camadas de intelectuais. Esses intelectuais lhe garantem identidade, bem como consciência de sua função social. Como exemplo, Gramsci explicita que "o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc." (GRAMSCI, 2006, p.15).

Tais grupos sociais encontram também categorias de intelectuais já existentes que representam continuidades históricas ainda não interrompidas. Se o grupo tem por pretensão atuar como dominante e não como subalterno, ele busca cooptar para si essas categorias de intelectuais (GRAMSCI, 2006).

Os intelectuais criados por um determinado grupo social para lhe garantir identidade são denominados de intelectuais orgânicos, enquanto aqueles que representam a continuidade de uma conjuntura histórica ainda não interrompida são chamados de intelectuais tradicionais. De acordo com o autor, a instituição responsável pela elaboração dos diferentes níveis de intelectuais é a escola, e em certos casos, também o partido político (GRAMSCI, 2006).

Para Semeraro (2001, p.97), o intelectual orgânico da classe trabalhadora (que não é um indivíduo singular, mas um grupo social) tem por função desarticular os projetos baseados na ideologia dominante ao mesmo tempo em que contribui para a promoção de uma nova concepção de mundo “capaz de pensar a produção, a ciência, a cultura, a sociedade na óptica das classes trabalhadoras”. E a promoção dessa nova concepção de mundo só se dá a partir da reorientação das vontades, as quais não devem ser consideradas como espontâneas ou individuais, mas sim enquanto vontade coletiva, atrelada ao desejo de revolução social. Para tanto, esses intelectuais não podem estar distantes das massas (GRAMSCI, 2006; SEMERARO 2001).

Depreende-se desta forma que, para Gramsci, há uma íntima relação entre conhecimento e vontade e esta vontade deve ser desenvolvida e potencializada por meio de um vínculo entre os intelectuais orgânicos e sujeitos da classe potencialmente revolucionária, com intuito de uma preparação das condições para que uma verdadeira transformação basilar aconteça.

Portanto, ao objetivar a transformação da realidade, a produção do conhecimento extrapola a individualidade e se torna coletiva. Aqui reside a original contribuição do pensador sardo para o processo revolucionário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme abordado no debate em tela, no padrão greco-medieval a função do conhecimento não se vinculava à transformação

social. Devido à aparência estática das formas de sociabilidade escravista e feudal não havia motivos para produção de conhecimentos que transformassem a ordem vigente. Assim, o ato de conhecer tinha por objetivo à contemplação, preparação para a direção da *pólis* ou para a vida religiosa.

No padrão moderno a função social do conhecimento perde este caráter estático. Todavia, apresenta-se utilitarista e pragmática, revelando a necessidade de construção de novos saberes que impliquem no progresso da sociedade capitalista e para resolver problemas de ordem imediata. Tais conhecimentos são frutos de problemáticas que não questionam as bases sob qual o capitalismo se firma, pois neste paradigma, comumente, vigora o mito da evolução qualitativa dos conhecimentos e da organização social.

A ruptura com esse paradigma, conforme apresentado por Tonet (2013), ocorre com o padrão marxiano, no qual a função do conhecimento é centrada na transformação da realidade, na superação da exploração do homem pelo homem. Tal padrão tem como polo regente o objeto, pois tem caráter ontológico, vislumbrando traduzir teoricamente o real.

Na perspectiva gramsciana há clara intenção de superar a dicotomia entre objetividade e subjetividade. Sob esta ótica, a relação entre esses dois polos não é de subordinação, nem de causa e efeito, mas sim uma relação complexa e dialética. Não há conhecimento sem o ser humano subjetivo e não há o que conhecer sem a objetividade. Se a perspectiva epistemológica de Gramsci evidencia essa relação dialética entre objetividade e subjetividade é porque esta relação indissociável compõe sua visão de mundo enquanto síntese de múltiplas determinações.

É possível, e talvez um tanto pretensioso, fazer uma analogia entre a empreitada científica de Kant, e a atualização<sup>9</sup> do marxismo estabelecida por Gramsci. Enquanto Kant buscou superar a dicotomia entre racionalismo e empirismo da construção científica de seu tempo, Gramsci visou ultrapassar a dualidade entre sujeito e objeto. Mas, diferente de Kant, Gramsci não teve por intenção contribuir para revolucionar a forma de conhecer, mas sim para transformar fundamentalmente a realidade.

Tendo em vista que, em comparação à Marx e Engels, Gramsci presenciou por mais tempo o desenvolvimento da sociedade

9 Sobre a "atualização do marxismo", nos ancoramos na afirmação de Martins (2008).

capitalista e lembrando da carta de Engels a Joseph Bloch, escrita em 21/22 de setembro de 1890<sup>10</sup>, pode-se inferir que Gramsci ampliou o debate sobre a reciprocidade entre estrutura e superestrutura, entre sujeito e objeto, atualizando o conhecimento produzido sob esta esteira de pensamento

Se uma das premissas do marxismo é que a ciência reconhecida é a ciência da história, e se outra premissa é a de que a história é feita pelos seres humanos (MARX; ENGELS, 2007), não há como negar que o elemento subjetivo é também regente do processo de conhecimento.

É importante destacar que Gramsci não considera o conhecimento em si mesmo, mas vinculado à realidade social. Na realidade social os sujeitos também se tornam objetos a serem conhecidos, mas não na qualidade de sujeitos isolados e sim enquanto totalidade do ser social. Nesse sentido, a teoria gramsciana acerca da importância do conhecimento para os subalternos se dá sob o enfoque do materialismo histórico e dialético, no qual, a descoberta da verdade se dá na materialidade concreta, por meio da atividade teórico-prática. No entanto, a verdade é sempre concebida como histórica e transitória, visto que “conhece-se o que foi ou é, não o que será [...]” (GRAMSCI, 2004a, p. 122).

Com base nessa assertiva, destacamos que,

[...] não é cientista quem demonstre escassa segurança em seus critérios particulares, quem não tenha uma plena inteligência dos conceitos utilizados, quem tenha escassa informação e conhecimento do estágio precedente dos problemas tratados, quem não seja muito cauteloso em suas afirmações, quem não progrida de uma maneira necessária, mas sim arbitrária e sem concatenação, quem não saiba levar em conta as lacunas que existem nos conhecimentos já atingidos, mas as ignore e se contente com soluções ou nexos puramente verbais, ao invés de declarar que se trata de posições provisórias que poderão ser retomadas e desenvolvidas, etc. (GRAMSCI, 2004a, p. 123),

---

10 Carta na qual Engels combate àqueles que se utilizam da teoria marxista como um determinismo economicista e justifica a falta de tempo em enfatizar a relação recíproca entre estrutura e superestrutura, uma vez que no debate com seus adversários o aspecto econômico precisava ser evidenciado diante do caráter idealista da filosofia alemã contemporânea à Marx e Engels. (ENGELS, s/d)



Face ao exposto, é possível inferir que Gramsci rejeita a ideia de capitalismo como fim da história; de evolução gradual - qualitativamente melhor - das formas de sociabilidade independentes da ação humana na perspectiva do mito do progresso; de considerações epistemológicas de caráter metafísico; e de passividade dos sujeitos no mundo. Para ele, o conhecimento ganha força e sentido ao fortalecer os subalternos na luta pela hegemonia, afastando-os da indiferença, produzindo e desenvolvendo potencialidades para a defesa de seus interesses e necessidades.

## **LA RELACIÓN SUJETO-OBJETO EN LA PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO: CONTRIBUCIONES A PARTIR DEL PENSAMIENTO DE ANTONIO GRAMSCI**

### **RESUMEN**

El presente texto objetiva discutir cómo la producción Del conocimiento es abordada en los escritos de Antonio Gramsci y cómo su pensamiento contribuye al entendimiento acerca de la función del conocimiento para los subalternos, alejándolos de la indiferencia y contribuyendo en la producción y desarrollo de potencialidades que los fortalezcan para la lucha por la hegemonía. Anclado en investigación bibliográfica, presenta cómo la cuestión del conocimiento fue abordada a lo largo de la historia humana y apunta como estos colaboran para el análisis, entendimiento y transformación de la realidad material. En seguida trata de la problemática epistemológica y enfatiza la relación dialéctica entre sujeto y objeto, que el descubrimiento de la verdad ocurre por la materialidad concreta por medio de la actividad teórico-práctica, y, aún, que el conocimiento ejerce función social al ser producido a partir de la realidad, modificándola. Por último, presenta argumentos en defensa de la producción de conocimiento comprometida con la formación de conciencia colectiva y con la transformación radical de la actual forma de sociabilidad.

**Palabras clave:** Conocimiento. Relación entre sujeto y objeto. Antonio Gramsci.

### **REFERÊNCIAS**

ENGELS, Friedrich. Carta de Engels a Bloch de 21/22 de setembro de 1890. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. V3. São Paulo: Alfa-Ômega.

s/d. p. 284 – 286.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. 3 ed. V 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 4. ed. V 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.

GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Escritos Políticos*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004b. p. 403 – 436.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARTINS, Marcos Francisco. *Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade?* Campinas, SP: Autores Associados; Americana, SP: UNISAL, 2008.

MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1957.

SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci. *Revista Brasileira de Educação*, nº 16, 2001.

TONET, Ivo. *Método científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

Submetido em Fevereiro 2019

Aceito em Maio 2019

Publicado em Setembro 2019

